

JORNAL: Folha da Tarde LOCAL: \_\_\_\_\_

DATA: 18/05/1974 AUTOR: Décio Presser

TÍTULO: O artista múltiplo e uno, Ivan Serpa

ASSUNTO: Último artigo, com fotos de alguns de seus quadros, e o artista.

FIM de SEMANA - Suplemento da folha da tarde - sábado 18-5-74

"O que existe, é uma necessidade de acordo com minha vivência. Se tenho necessidade de fazer desenho, eu faço; se for objeto, faço. E às vezes não quero fazer nada"

onze

## o artista múltiplo e uno, ivan serpa

Pintura da série Amazônica, de Ivan Serpa, de 1968 (ao lado) e gravura em metal da série Negra, de 1968. As reproduções são extraídas do Dicionário das Artes Plásticas no Brasil, de Roberto Pontual.



O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro está apresentando, até o próximo dia 25, uma retrospectiva de Ivan Serpa, artista carioca que faleceu em 1973, aos 50 anos. A mostra organizada pelo crítico Roberto Pontual reuniu cerca de 300 obras e dá uma visão completa da multiplicidade de fases e temas na carreira deste artista, considerado como um dos imortais brasileiros.



Pintor, desenhista, gravador e professor, Ivan Ferreira Serpa já é considerado um dos imortais artistas brasileiros. Falecido no ano passado, Serpa deixou uma obra que se destaca pela multiplicidade de temas e técnicas, empregadas ao longo de sua tão produtiva carreira, iniciada na década de 40. Nesta época estava ligado ao figurativismo, abandonado no início da década de 50, quando apresentou colagens de caráter geométrico. Conquistou o prêmio no Salão Nacional de Arte Moderna (57), recebendo uma bolsa na Europa, onde permaneceu um ano, dividindo-se entre a Itália e Espanha. Nos anos 60 voltou a figuração e também iniciou pesquisas de efeitos ótimos da pintura. Em seus desenhos merecem destaques os da "fase negra" e os eróticos. Antes de falecer dedicava-se a série "Geomântica", óleo sobre tela, da qual deixou alguns quadros inacabados. Decorrido um ano de seu falecimento, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro inaugurou uma retrospectiva, reunindo quase 300 trabalhos, do artista, coletados junto a colecionadores e familiares. Responsável pela organização desta mostra, que estará aberta até o próximo dia 26, Roberto Pontual, um dos aficionados pelo trabalho de Ivan, que no catálogo da exposição escreveu:

"Em abril de 1973 — nesse mesmo ano que ficará marcado na arte brasileira pela sucessão de perdas substanciais — morria Ivan Serpa, poucos dias depois de completar 50 anos, no Rio, cidade onde nascera e continuara sempre vivendo. Conhecido e respeitado, sobretudo no público carioca e mais ainda entre os jovens, ele insistira em manter até o fim intacta sua natureza irreversivelmente experimental, para a qual nenhum cantinho estava vedado, somando à prática dos recursos tradicionais da pintura, do desenho e da gravura a curiosidade pela invenção com as novas propostas e materiais especificamente contemporâneos. Tendo por base uma curiosidade e por tarefa o extremo cuidado artesanal, Serpa nos legava naquele momento uma obra única e exemplar entre as que vêm sendo elaboradas no Brasil desde o término da II Guerra Mundial.

Três constantes fundamentais podem definir os quase trinta anos de atividade de Ivan Serpa, particularmente como desenhista e pintor. Em primeiro lugar, o propósito de situar-se sempre ao nível da contemporaneidade internacional, incorporando a sucessão dos principais movimentos e tendências componentes e características do mesmo período. Passada uma fase inicial figurativa, de inspiração modiglianesca — na qual, entretanto, desde 1947, ocorriam vez ou outra exemplos de evidente interesse pela abstração — ele se fazia, já por volta de 1951, sob o influxo do rigoroso construtivismo das representações suíça e alemã à recém exibida I Bienal de São Paulo, um dos pioneiros da arte concreta no Brasil. A partir de então, sua obra seguiu o caminho diversificado que o levou desse recurso quase matemático dos primeiros tempos, prolongando-se por toda a década de 50, a uma abstração mais expressionista e projetiva, entre 1960 e 1962, depois à nova-figuração de combate, com a violência da "fase negra" em meados da década de 1960, e logo à retomada da disciplina construtiva do início, nos desenhos de algida sensibilidade a bico-de-pena, nas pinturas de inflexíveis mas calorosas relações cromáticas e nas construções tridimensionais ilusionistas com módulos de madeira e espelho — todos, trabalhos regulados pelo alvo cinético da op-art.

A segunda constante de rumo de Serpa, já decorrente da primeira, era variedade ou a mutabilidade de seu programa e de sua produção, desde os elementos francamente figurativos até o de mais absoluta não-figuração, sem que lhe incomodasse o aparentar inábil para estabelecer com linguagens opostas sua própria indistigável linguagem, ao longo de uma lógica específica. O fato é que — e isto já conduz a terceira constante — Serpa se interessava sobretudo pela possibilidade de experimentar, de atualizar sua arte independentemente das limitações dos modelos por ele próprio antes praticados sob paixão. Ele não se contradizia na contradição, mas nela se ampliava e se aperfeiçoava.

"O que interessa é fazer outras observações em relação a outras coisas do momento atual. O que existe é uma necessidade de acordo com minha vivência. Trabalho todos os dias. Se tenho necessidade de fazer desenho, eu faço, se for objeto, eu faço. E tem momento em que tenho necessidade de não fazer nada. Sem aflição. Felizmente não tenho aflição. Sei que ela existe, mas não me pegou ainda. Nunca tenho planos. A vida é que os faz. De acordo com a maré é que eles serão traçados. As derrotas ensinam mais do que as vitórias. E dão força para outras embates. Não me entrego não. Vou até o final". Talvez tenha sido esta sua melhor autodefinição, em setembro de 1971.

Há que destacar, por fim, como complemento e envolvimento das três constantes citadas, o elo entre a obra de Ivan Serpa e sua também prolongada tarefa de professor — inclusive de arte infantil, por duas décadas quase contínuas, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Entregue por completo a essa tarefa de liberação da criatividade disciplinarmente nos outros, crianças — adultos, ele conseguia tecer a rara dialética de influir e se deixar influenciar mais ou menos diretamente por muitos de seus melhores alunos, vários dos quais formam hoje um setor importante de trabalho nas nossas primeiras gerações de pós-modernos.

Por tudo isso, a retrospectiva que agora se entrega ao público, e que se completará dentro de alguns meses através da edição de um livro, não poderia deixar de estruturar-se em torno da multiplicidade definidora da obra de Ivan Serpa, mostrando ao mesmo tempo de que modo a unidade entre tantas fases e maneiras distintas terminava sendo sutilmente afirmada a todo instante. Dos primeiros desenhos e pinturas de interesse pela natureza e a figura humana até as últimas grandes telas e gauches de acrescentamento simbólico e formas puros — a série que o próprio Serpa chamou de "geomântica" e que não teve tempo de tornar pública — o objetivo mais nucleado da presente mostra é assegurar que por trás de toda a variedade havia apenas, sempre, um único artista; o homem múltiplo e uno, Ivan Serpa.

Um agradecimento final caloroso é preciso que eu faça a sua viúva, Lígia Serpa, cuja presença foi permanente e entusiástica em todas as fases da organização dessa retrospectiva bem como aos inúmeros colecionadores que se dispuseram, também com presteza e entusiasmo, a ceder obras para compô-la.

Texto/DÉCIO PRESSER